

Entrevista: José Genoíno

DOI: 10.54446/bcg.v12i2.2848

*Entrevista realizada em 9 de novembro de 2022
por Vinicius Carluccio de Andrade¹²*

NOTA DO AUTOR

Tive a oportunidade de entrevistar o ex-guerrilheiro, ex-deputado federal e ex-presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), José Genoíno, em sua casa, em São Paulo-SP, por causa do projeto de pesquisa "A Guerrilha do Araguaia: resistência camponesa, defesa da autonomia e continuidade dos conflitos fundiários no Pará, Maranhão e Tocantins" (Processo FAPESP nº 2022/05174-6). Genoíno é um grande nome da esquerda brasileira e constrói sua trajetória desde a oposição ao golpe militar de 1964. Trata-se de uma das únicas pessoas ainda vivas para contar o que ocorreu na repressão à guerrilha de 1972 a 1974. Em 2022, 50 anos após o início do conflito, Genoíno me contou, entre outros temas, sobre o que o levou ao Araguaia, como se aproximou do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), como se deu o combate à guerrilha e como hoje, mais de cinco décadas depois da chegada dos "paulistas" no Sul do Pará, o uso da repressão espetacular e espetacularizada aos militantes do PCdoB deixa marcas na região do sul do Pará, sudoeste do Maranhão e no norte de Tocantins, sobretudo na área denominada de Bico do Papagaio. Estudar sobre a Guerrilha do Araguaia é necessário para que a tortura e demais barbaridades não se apaguem e para que a memória permaneça viva.

-
- 1 Agradecimentos: Vicente Eudes Lemos Alves e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
 - 2 Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP (Processo 2022/05174-6) com o projeto de pesquisa "A Guerrilha do Araguaia: resistência camponesa, defesa da autonomia e continuidade dos conflitos fundiários no Pará, Maranhão e Tocantins".

VINICIUS CARLUCCIO DE ANDRADE: Para começar, eu gostaria de saber um pouco sobre seu envolvimento com o PCdoB. Como surgiu essa aproximação? O que te fez ir para a guerrilha no contexto da Ditadura Militar?

JOSÉ GENOINO: A minha vinculação política, antes do PCdoB, tem suas origens quando saí do interior do Ceará, na região de Encantado, que é um povoado camponês, uma vila camponesa, para estudar nas cidades próximas, Quixeramobim ou Senador Pompeu. Para isso, eu fui morar com um padre, o vigário de Senador Pompeu, importante porque foi a partir do contato com ele [eu morava com ele na Igreja, na casa paroquial], nos anos 60 - 1962, 1963 -, que conheci aqueles movimentos camponeses e da Igreja Católica que foram marcados pelo Concílio Vaticano II. Tive esse contato a partir daí, quando era estudante secundarista. Quando eu fui para Fortaleza em 1964, eu tive que fazer o Terceiro Colegial para entrar na faculdade, o que não tinha no interior. Cheguei na capital, portanto, na preparação do golpe, no clima do golpe de 1964. Eu vivi aquele clima, pois já tinha uma visão aberta e progressista. Eu vivi aquele clima, mas ainda não era militante. Naquele cenário, precisei acelerar meus estudos para poder ganhar tempo. Eu fui alfabetizado no interior, depois fui estudar na cidadezinha. Fiz aquele Sistema de Madureza em 1964 ou 1965, o Colegial de hoje. Fiz uma prova para ganhar 3 anos em um ano. A partir de 1966, eu comecei, só rapidamente pontuando, a trabalhar em Fortaleza. Comecei a trabalhar e a estudar, porque não tinha condições de viver e ser sustentado pela família. Minha família era muito pobre.

Entre na faculdade de 1966 para 1967. Ao entrar na faculdade, já encontrei um broto daquele movimento político que vai se consolidar em 1968. Foi nesse momento que entrei no PCdoB. O PCdoB era muito forte no Ceará. [O partido] tinha várias lideranças estudantis que eu conhecia e eram meus amigos. Eu me vinculei ao PCdoB em 1967, quando era presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia. Depois, fui presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Ceará. Particpei de dois congressos da UNE (União Nacional dos Estudantes): o primeiro, em 1967, em Vinhedo e o segundo em Ibiúna. Então, a minha vinculação ao PCdoB começou no movimento estudantil. Quando veio o AI-5, em 1968 (sendo bem sucinto), a nossa geração, a liderança de 68, tinha apenas 3 alternativas e nada mais: ou ia para o exterior, ou ficava em casa e ia ser preso ou ia para a clandestinidade. Eu fui para a clandestinidade. Vim morar em São Paulo clandestinamente, fiquei aqui um ano e meio (de 1969 até o meio do ano de 1970) e discutia com o PCdoB a preparação da guerrilha rural. Em julho de 1970, fui, por iniciativa minha (eu solicitei, eu pedi, eu reivindiquei), participar da preparação da guerrilha durante dois anos, de 1970 a 1972, quando fui preso. Foi quando eu conheci o Sul do Pará e toda aquela região do Bico do Papagaio. "Sul do Pará" é o Pará, o Norte de Goiás e o Maranhão. Era uma região já muito politizada e quente naquela época. Vinculei-me por iniciativa própria ao PCdoB em 1967 e a minha ida à guerrilha rural foi uma decorrência disso, porque, em 1969 e em 1970, quem era conhecido (eu era conhecido por ser dirigente estudantil do PCdoB e da UNE) era perseguido. Morar nas cidades era muito difícil para a gente. Morar em pensão enfrentava uma

clandestinidade muito arriscada. Eu não podia ficar em Fortaleza; eu tinha que ficar em São Paulo porque aqui eu não era conhecido. Foi nesse contexto político que eu fui para o Araguaia enquanto militante do PCdoB em julho de 1970.

VCA: Então, nesse contexto internacional, qual era a leitura feita pelo partido com o golpe de 1964 e como a Guerra Fria, nesse cenário externo, mobilizava jovens como você a resistir ao fechamento do regime?

JOSÉ GENOINO: Você sabe que em 1964, com o golpe militar, criou-se um clima de perplexidade, de defensiva e de angústia naquela liderança que emergiu nos anos 60 com o movimento das Reformas de Base. No golpe de 1964, a direita foi vitoriosa, mas originou uma espécie de baixo astral. Essa atmosfera continuou por 1964, 1965, 1966, 1967 e 1968. Nesse período da década de 1960, contraditoriamente, havia uma espécie de revolução no plano mundial. Havia a Revolução Cubana, a Revolução Chinesa, a Guerra do Vietnã, a Revolução no México, etc. Você tinha várias experiências revolucionárias em emergência no mundo. Esse ciclo de revoluções no mundo combinou-se com movimentos sociais, a exemplo do movimento pelos direitos civis nos EUA (Estados Unidos da América) - o que dá na morte de Luther King. Você vê, também, movimentos no âmbito cultural: os Beatles, a Jovem Guarda, Bob Dylan... havia uma espécie de florescimento geral. A gente, inclusive, usava "que as cem flores desabrochem". Tudo era questionado. A gente questionava nos planos cultural, acadêmico e comportamental; era o produto de uma era de revoluções, que foi basicamente pós-Segunda Guerra Mundial (décadas de 1950 e 1960). Aquele processo internacional influenciava muito aqui, tanto no golpe quanto na resistência que foi a partir de 1966. A resistência se deu pela questão cultural. Eram os shows, os teatros (Teatro de Arena, vários grupos de teatro que se formavam, Teatro Roda Viva, peças que marcaram aquela época)... Foi naquele clima de influência política, cultural e ideológica que a gente viveu o enfrentamento de 1964. Quando ocorreu o golpe dentro do golpe de 1968, não foi uma ruptura tão traumática ir para a clandestinidade. A gente já vinha numa sequência, numa evolução, num acúmulo de consciência e de organização e, assim, viver clandestinamente e depois partir para a luta armada era uma espécie de continuidade.

“Quando ocorreu o golpe dentro do golpe de 1968, não foi uma ruptura tão traumática ir para a clandestinidade. A gente já vinha numa sequência, numa evolução, num acúmulo de consciência e de organização e, assim, viver clandestinamente e depois partir para a luta armada era uma espécie de continuidade”

VCA: Como o AI-5 empurrou o PCdoB para a opção da guerrilha rural? Por que o PCdoB foi um dos poucos partidos, entre vários movimentos, a optar pelo campo e, principalmente, no Sul do Pará, uma área tão pouco mencionada?

JOSÉ GENOINO: Em primeiro lugar - só mais um dado -, esse clima internacional era muito polarizado por causa da Guerra Fria entre EUA e URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ou, de forma mais curta, União Soviética). As revoluções socialistas e populares eram alternativas que brotavam, assim como o movimento estudantil com Maio de 68 e as greves operárias. A questão da guerrilha e da luta armada para o PCdoB - primeiro, a luta armada; depois, a guerrilha - foi anterior ao AI-5. O PCdoB já estava planejando. Quando o PCdoB rompeu com o PCB em 1962 e o PCdoB foi reestruturado com o nome PCdoB, já colocava a necessidade de uma ruptura política através da confrontação. Não falava especificamente de luta armada, mas era uma linha política diferente da linha do PCB. O PCB seguia a linha da institucionalidade.

VCA: O PCB ficou com o Jango.

JOSÉ GENOINO: Exatamente. O golpe de 1964 favoreceu aquela compreensão de que, pelo caminho pacífico, não se ia muito longe. Aí fortaleceu-se o caminho de se preparar para as ações de confronto. O golpe de 1964 foi um elemento de convicção para aquelas forças políticas que já discutiam a luta armada. Mas, antes, apenas se discutia. Na verdade, a escolha da preparação da guerrilha foi anterior ao AI-5. O PCdoB já estava se preparando para uma região com as características do Sul do Pará. Era uma região distante dos grandes centros, de difícil acesso, com excelente capacidade das pessoas sobreviverem pelos recursos naturais e convergência de vários estados. No Sul do Pará, convergiam Pará, Goiás [Norte de Goiás, hoje Tocantins] e Maranhão. Era uma região de colonização. A fronteira agrícola estava entrando no Sul do Pará. Estava começando com a Transamazônica, a mineração, Carajás e todo o processo que você certamente tem pesquisado. O PCdoB teve um período, de até, aproximadamente, 1969, de pesquisa, de conhecer a região, o mato, a selva, a topografia e as condições geográficas-históricas. Houve uma pesquisa naquela região. Levantou-se um conhecimento prévio até a gente se localizar especificamente no Sul do Pará. Isso tem a ver com o fato de ser uma região que oferecia, na frente, uma área populosa e, atrás, uma área deserta, que era a selva, principalmente a região entre o Araguaia e o Xingu. Esses fatores influenciaram na escolha, porque a linha política do PCdoB - basta ver o documento "Guerra Popular - Caminho da luta armada no Brasil" - era fazer uma guerrilha de resistência durante um certo período, sobreviver em regiões mais afastadas, criar uma base popular com a população camponesa e, a partir daí, crescer

"[...] a linha política do PCdoB - basta ver o documento "Guerra Popular - Caminho da luta armada no Brasil" - era fazer uma guerrilha de resistência durante um certo período, sobreviver em regiões mais afastadas, criar uma base popular com a população camponesa e, a partir daí, crescer e se organizar como exército popular de resistência do campo para a cidade"

e se organizar como exército popular de resistência do campo para a cidade. Não era da cidade para o campo; era do campo para a cidade.

VCA: Genoino, agora que você mencionou já esse documento, cheguei a ver uma entrevista sua para a Jacobin Brasil na qual o senhor fala que mudou várias vezes de posição, mas nunca de lado (sempre esteve à esquerda). Esse documento do PCdoB cita muito o Mao Tsé-Tung. Eu queria saber como o maoísmo e a Revolução Chinesa, em geral, afetaram o PCdoB e sua posição como militante.

JOSÉ GENOINO: A Revolução Chinesa de 1949 influenciou a esquerda de um modo geral. As obras teóricas e práticas do Mao Tsé-Tung influenciaram a esquerda. O êxito da Revolução Chinesa - nas condições da China - dava razão, pela leitura que o PCdoB fez, àquela ideia de fazer base popular no campo. A Revolução Chinesa, apesar de ter a Longa Marcha, teve muitos movimentos populares no campo. É claro que, naquele contexto da divisão do Bloco Socialista entre URSS e China, a militância revolucionária da qual fazia parte ficou simpática à Revolução Chinesa.

VCA: O PCB ficaria com os soviéticos e os militantes do PCdoB ficaram com Mao?

JOSÉ GENOINO: Isso. Aí tiveram os fatores da Revolução Cultural, que era uma revolução dentro da revolução, e da própria experiência da Revolução Chinesa de 1949 com a Longa Marcha, a liderança de Mao Tsé-Tung e as obras que eram amplamente divulgadas. Nesse sentido, diante da crise da então URSS, que já havia começado com a invasão da Tchecoslováquia e da Hungria, desenvolveu-se uma espécie de desencanto com os relatórios de Krushev. Eu fui muito impactado por isso na minha militância do PCdoB, que me colocou em contato com a leitura das principais obras do Mao, como "Sobre a prática e a contradição" e "O livro vermelho: citações do comandante Mao Tsé-Tung". A experiência teórica toda do Mao Tsé-Tung sobre a Revolução Chinesa nas condições de uma revolução nacional e democrática influenciou minha militância quando eu era líder estudantil na Universidade Federal do Ceará, depois da diretoria da UNE do período de um ano e meio (de 1969 até o meio do ano de 1970). Essa influência teve a ver com a ida para o Araguaia. O Araguaia se inspirava no modelo não do foco, a base militar e a experiência militar cubanas, mas sim no modelo chinês. O que estava ocorrendo na época de maneira mais efetiva era a Guerra do Vietnã, uma expressão, exatamente, nas condições da selva e nas condições de luta de libertação nacional, em que o PCdoB se espelhou muito. Aquilo ali influenciou muito: houve uma influência política geral do momento e uma influência política singularizada e particularizada no caso e na experiência da Revolução Chinesa.

VCA: Saindo dessa noção da Guerrilha do Araguaia no cenário macro/externo/externo para falar da chegada dos militantes, da organização dos destacamentos e do contato com os camponeses, uma visão diz que a Guerrilha do Araguaia foi uma aventura juvenil e reduz sua importância por ter a participação de aproximadamente 70 jovens. Como se opor a isso? Como combater essa narrativa e como se organizavam os destacamentos e a Comissão Militar?

JOSÉ GENOINO: Vinícius, a montagem e a preparação da Guerrilha do Araguaia tiveram a fase da pesquisa...

VCA: Ninguém faz uma guerrilha do nada.

JOSÉ GENOINO: É, teve a fase da pesquisa; depois, a fase da preparação; e, por último, a fase da guerra propriamente dita. São 3 momentos que têm suas particularidades. No caso do Araguaia, a partir do momento em que a direção do PCdoB escolheu aquela região, na fase anterior, quando eu fui para lá, já estava tudo definido. Eu fui para as margens do Gameleira. Aquela região e os militantes do PCdoB foram escolhidos. Todos iam para determinado local, já pré-determinado, já especificado, já escolhido. A primeira fase era se adaptar. A gente tinha que passar por um processo de adaptação nas condições políticas, geográficas e de sobrevivência. Nós precisávamos virar camponeses. A segunda fase era começar a dominar a selva, porque, no primeiro momento, ela é uma adversária. Você tem que transformá-la em aliada: saber utilizar, saber andar, saber pesquisar, saber comer, saber caçar... A terceira fase era fazer o treinamento militar propriamente dito. Qualquer treinamento militar tem que ser feito nas condições topográficas e geográficas da região. Você não pode ter uma visão de treinamento militar sem ser a partir das condições concretas, como, por exemplo, temperatura, se chove, se tem muito sol, se tem muito frio, se tem muito calor, etc. Toda a estrutura era montada nesse sentido.

“A gente adotou um princípio de “viver na região como peixe na água”. A gente precisou viver na região com as formas sociais e culturais com que a população estava acostumada: mutirão, vizinhança e visita às grandes cidades que cercavam o entorno (Xambioá, São Geraldo, Araguatins, Conceição do Araguaia e depois Marabá)”

A partir daí, o princípio da preparação da guerrilha era um movimento centralizado e descentralizado na base. Centralizava-se em cima e descentralizava-se embaixo. A estrutura básica era formada por grupos de 7. Três grupos de 7 formavam um destacamento e existiam 3 destacamentos (A, B e C). Essa estrutura possibilitava que nos espalássemos pela região. Nós tínhamos um espalhamento em uma área geográfica ampla, todo o Sul do Pará, considerando a fronteira de Marabá (PA) até Conceição do Araguaia (PA) no Bico do Papagaio. Nós fomos montando esse processo com a ida das pessoas. Foi um processo muito delicado, pois era necessário deslocar pessoas para lá sem ser perseguido. Ao chegar, a gente tinha que ficar lá

sem ser detectado. Isso, de uma certa maneira, porque a gente ficou por muito tempo sem ser descoberto. Eu fiquei 2 anos, mas outros companheiros - o núcleo inicial que pesquisou o Araguaia - ficaram de 4 a 6 anos. Não havia movimento social organizado (sindicato, resistência popular, trabalho popular da Igreja, experiências sindicalistas como no Norte de Goiás em Trombas e Formoso e no Nordeste) naquela região. Não tinha. Era uma região de abertura para a Amazônia, enquanto uma das fronteiras agrícolas, potencialmente muito rica com madeira, terra e minério. Era potencialmente uma região de conflito, o que acabou ocorrendo por causa e independentemente da guerrilha. A gente adotou um princípio de "viver na região como peixe na água". A gente precisou viver na região com as formas sociais e culturais com que a população estava acostumada: mutirão, vizinhança e visita às grandes cidades que cercavam o entorno (Xambioá, São Geraldo, Araguatins, Conceição do Araguaia e depois Marabá). Eu me lembro que, na época, só em Marabá (PA) havia um trabalho popular da Igreja Católica com o dom Alano. Quando chegamos lá, não havia uma vida social organizada. Você tinha eleição e missas de vez em quando, rarissimamente. Predominava o isolamento devido às chuvas e às cheias do rio. Era uma região isolada, inóspita. Pegamos malária, leishmaniose, etc.

Era necessário fazer esse processo de adaptação naquele contexto de criar. A preparação da guerrilha era uma criação da nossa militância com a população. Era uma criação nas experiências, no convívio, mas nada politizado ou organizado.

VCA: Inclusive, já emendando duas perguntas, vocês tiveram contato com os camponeses...

JOSÉ GENOINO: Tivemos, tivemos. A gente vivia com eles.

VCA: Chegou a faltar, na etapa de preparação, a conscientização de falar por qual motivo vocês estavam ali? De aparecer publicamente?

JOSÉ GENOINO: Não, era proibido revelarmos as nossas identidades e as razões pelas quais estávamos lá. Isso era rigorosamente vigiado. Estava em segurança. No momento em que a gente começou a crescer na região, a partir de 1970, quando eu fui para lá, começou a abertura da Transamazônica. A gente tinha um cuidado muito grande para não revelar identidades e motivos. Nós tínhamos uma história: nós éramos lavradores vindos do Sul do país ou do Nordeste para tocar a vida. Nós pegamos aquela corrente migratória que avançava para o Araguaia. A gente entrou naquele verdadeiro rio correndo. Era um movimento migratório em uma área de colonização, principalmente na atividade da pecuária, da castanha, da madeira e de minérios. São as 4 atividades básicas que predominavam na região. Ora a gente era madeireiro, ora a gente era caçador, ora a gente era garimpeiro, ora a gente era agricultor. A gente vivia como agricultor no Sul do Pará. A nossa estrutura de preparação existia. Havia debates e conversas. Convivíamos com uma vida legal e uma vida ilegal. A vida legal era a vida como qualquer outro camponês, na casa, na roça, na troca de serviços, no mutirão, na ajuda mútua. Era a vida pública; tudo lá era

público. Mas, dentro desse público, a gente tinha uma vida clandestina: treinamento militar, formação política, organização dos grupos e, depois, dos destacamentos, etc.

VCA: Quando, por exemplo, você entrevista os camponeses da região, percebe que eles falam com muito carinho de vários nomes que participaram como guerrilheiros (Osvaldão, João Carlos Haas, as “enfermeiras” que faziam os partos). Para você, quão importante foi essa relação de solidariedade e carinho, inclusive para proteger os “paulistas” quando o Exército chegou?

JOSÉ GENOINO: A nossa relação com a população camponesa da região era marcada por uma vida dupla. A gente era muito rigoroso nisso. A gente convivia com a população do jeito que ela vivia e a gente tinha atividades comuns, como, por exemplo, mutirão, troca de serviços, ir pro mato, isto é, a vida social mínima. A gente participava das manifestações culturais como terecô. Essas coisas eram normais. A gente era “normal”. A gente se normalizava lá. As casas nossas eram iguais às deles. Eram choupanas, construídas de palha. A gente trocava dia de serviço. A gente fazia roça. A gente plantava, a gente colhia. Havia todo esse processo de identificação. Quanto mais aumentava a identificação, mais a gente tinha a confiança dos camponeses. No campo, a população camponesa vai pelo que ela conhece e vê. A confiança era muito grande.

No início, aquilo foi muito importante, porque, na nossa visão, aquela confiança que a gente tinha ia se traduzir, depois, no trabalho político. É por isso que a repressão à guerrilha foi bárbara e foi espetacular e espetacularizada. Exemplos: transportar corpos e pendurá-los no helicóptero, jogar bomba de napalm, tortura pública... A repressão teve que criar um terrorismo político para que a população tivesse medo de se relacionar com a guerrilha. Havia uma confiança da população para com a guerrilha pelos vários anos que vivemos lá. Eles [os militares] usaram o medo, o terror, a morte e a prisão para impedir o avanço da guerrilha. A população se dividiu. Uma parcela foi obrigada, na porrada e na tortura, a dar informações sobre a guerrilha. Os pistoleiros e bate-paus, outro segmento da população, trabalharam para o Exército - inclusive o cara que me prendeu era um pistoleiro de 17 anos (está no livro “O nome da morte: A história real de Júlio Santana, o homem que já matou 492 pessoas”). Tinha, ainda, uma parcela da população que era simpática à guerrilha. Alguns entraram na guerrilha. Eram os três segmentos da população.

“A repressão teve que criar um terrorismo político para que a população tivesse medo de se relacionar com a guerrilha. Havia uma confiança da população para com a guerrilha pelos vários anos que vivemos lá. Eles [os militares] usaram o medo, o terror, a morte e a prisão para impedir o avanço da guerrilha”

VCA: Para além da guerrilha, seria interessante abordar a periodização. Na Geografia, é muito importante o exercício de periodizar. Como você observou as mudanças – físicas ou não – no espaço e a chegada do Estado pré, durante e depois do conflito?

JOSÉ GENOINO: Em primeiro lugar, quando eu vivi lá - era uma característica -, não tinha Estado. Era um vazio. A gente comprava armas e munição como se comprava farinha e sal nas mercearias. Não tinha presença do Estado e, por isso, o fenômeno dos bate-paus e dos pistoleiros era muito acentuado. Por isso, fenômenos como aquele que o Klester Cavalcanti relata [sobre o pistoleiro Júlio Santana, responsável por matar 492 pessoas] apareciam. Era normal ter "matador" e fazer justiça com as próprias mãos. Havia um vazio. O Estado entrou lá por duas vertentes: primeiro, com a vertente econômica da colonização através da pecuária, da mineração e das madeiras de mogno; segundo, com a vertente da repressão. O Estado entrou para a região por meio de duas vias perversas. O Estado não entrou na região para promover assistência à população...

VCA: Para além da guerrilha, seria interessante abordar a periodização. Na Geografia, é muito importante o exercício de periodizar. Como você observou as mudanças – físicas ou não – no espaço e a chegada do Estado pré, durante e depois do conflito?

JOSÉ GENOINO: Em primeiro lugar, quando eu vivi lá - era uma característica -, não tinha Estado. Era um vazio. A gente comprava armas e munição como se comprava farinha e sal nas mercearias. Não tinha presença do Estado e, por isso, o fenômeno dos bate-paus e dos pistoleiros era muito acentuado. Por isso, fenômenos como aquele que o Klester Cavalcanti relata [sobre o pistoleiro Júlio Santana, responsável por matar 492 pessoas] apareciam. Era normal ter "matador" e fazer justiça com as próprias mãos. Havia um vazio. O Estado entrou lá por duas vertentes: primeiro, com a vertente econômica da colonização através da pecuária, da mineração e das madeiras de mogno; segundo, com a vertente da repressão. O Estado entrou para a região por meio de duas vias perversas. O Estado não entrou na região para promover assistência à população...

VCA: Mas para expandir a fronteira...

JOSÉ GENOINO: O Estado entrou na região para expandir a fronteira econômica. Com isso, a porrada política foi necessária. Ele [o aparato repressivo do Estado] ia fazer isso de uma forma ou de outra, porque com aquela colonização haveria resistência. Eles [os militares] estavam preparados para bater, para matar, para perseguir. A guerrilha acentuou ainda...

VCA: Genoino, como os slogans da época, “integrar para não entregar” e “homens sem terras para uma terra sem homens”, influenciaram as migrações para a região nessa tentativa das Forças Armadas de tentar transpor as tensões do interior do Nordeste devido à concentração fundiária para uma área que, até então, seria uma “terra sem homens”?

JOSÉ GENOINO: Foi uma tentativa muito forte. Tiveram colonizações via os “gaúchos” que entraram na região pelo lado do Mato Grosso e pelo lado Sul do Pará e teve parte da população nordestina que foi levada para lá porque em 1970 teve uma grande seca. Essa seca estimulou que o ditador Médici levasse e recomendasse a ida de gente para aquela região. Como era uma região muito rica em chuvas, minérios, frutas para agricultura e tudo mais, exercia um poder de atração sobre a população que vinha ou do Nordeste ou que foi levada para lá para o modelo de agrovilas, um outro modo de colonização. Foi algo muito intenso, mas foi uma colonização desorganizada, viu, Vinícius?

VCA: A ideia era ser organizada, mas não foi?

JOSÉ GENOINO: Não foi. Por exemplo: minério. [A exploração de] minério era uma esculhambação. Era uma anarquia total como foi a anarquia de Serra Pelada - assim como foram [as explorações de] outros minérios menores, que não chegaram a ter essa fama. Além disso, havia a questão do mogno, da castanha, da própria pecuária. A pecuária, porém, era mais organizada porque dependia dos incentivos fiscais e dos grandes projetos agropecuários. Ao lado disso, você encontrava uma economia de subsistência. Quando a gente chegou lá, as terras eram todas devolutas, você não tinha titularidade da terra e você não comprava a terra, mas sim as benfeitorias de roça, de casa, de algo feito na região. Terras devolutas foram, digamos, transferidas para os grandes projetos agropecuários. Aquelas terras devolutas, antes, incentivaram uma economia rural de subsistência e muita gente que ia para lá sobrevivia nas condições de uma produção pequena a média. Além da produção, buscavam a pesca e a caça. Esse movimento aconteceu dessa maneira - e nele nós entramos. Diante daquela confusão da expansão da fronteira agrícola, nós entramos. Ela [a expansão] foi organizada no sentido dos grandes projetos, do Projeto de Carajás (para ferro), dos projetos agropecuários que dependiam de incentivos fiscais e dos projetos de madeira com as madeiras de mogno.

“Terras devolutas foram, digamos, transferidas para os grandes projetos agropecuários. Aquelas terras devolutas, antes, incentivaram uma economia rural de subsistência e muita gente que ia para lá sobrevivia nas condições de uma produção pequena a média”

VCA: O paralelo que a gente poderia traçar entre Carajás e Serra Pelada é que Carajás foi planejado e Serra Pelada não?

JOSÉ GENOINO: Carajás foi uma mineração dirigida pelo Estado por um grupo econômico. No início, era a United States Steel e, depois, a Vale. Tinha uma direção [para fora]. Serra Pelada era o vale-tudo.

VCA: Só para citar, já que o senhor começou a falar de Carajás, tem esse livro do Orlando Valverde: “Grande Carajás: Planejamento da Destruição”.

JOSÉ GENOINO: É isso mesmo.

VCA: Agora, sobre esses movimentos demográficos, gostaria de falar das chamadas obras faraônicas e o avanço das infraestruturas. Como o senhor vê a Transamazônica, a Cuiabá-Santarém e a Belém-Brasília nesse cenário?

JOSÉ GENOINO: Eu acho que são várias. Você tem a Belém-Brasília, que, na época que eu fui para lá, não era asfaltada. A Belém-Brasília simboliza o grande entroncamento que era Imperatriz (MA), que se ligava ao Nordeste. Daí, vem a Transamazônica e, em seguida, a Cuiabá-Santarém. A Perimetral Norte não foi viabilizada, a estrada que passava pela Amazônia na fronteira com outros países da América do Sul. Esse era o desenho desses grandes caminhos abertos na Amazônia. Ao longo desse caminho, você tinha os grandes projetos de mineração, de pecuária e de madeiras. Nesse sentido, eu acho que o primeiro grande movimento de destruição da selva amazônica aconteceu nessa época pela exploração do mogno, pela mineração e pelos projetos agropecuários. São os grandes projetos de ocupação da região: era integrar para não entregar, um lema fajuto. Na verdade, o financiamento era dado para empresas multinacionais.

VCA: O próprio golpe já foi financiado pelos EUA.

JOSÉ GENOINO: Sim, já foi financiado. Depois, eles queriam colocar gente em uma região que não tinha planejamento, ou seja, não houve um planejamento do Estado para um processo de colonização da Amazônia. A Transamazônica virou um areal em certas áreas e, em outras, virou rio ou ficou intransitável. Não houve preparação para o modelo de colonização da região. Em algumas áreas, você podia criar gado; em outras, não. Em algumas áreas, a agricultura era de subsistência; em outras, não. Eu acho que, na colonização da Amazônia, predominou a anarquia do grande capital e dos grandes projetos mineradores e agropecuários.

VCA: Em uma escala [geográfica] um pouco menor (pois estávamos falando de Transamazônica, Cuiabá–Santarém, Belém–Brasília), qual foi o papel das OPs (Estradas Operacionais 1, 2 e 3) que surgiram justamente no contexto da repressão à guerrilha?

JOSÉ GENOINO: Na região Sul do Pará, carro não atravessava o Araguaia. Havia uma história de que quem atravessasse o rio Araguaia estaria seguro. É tanto que muita gente com problemas na justiça no Norte de Goiás e no Maranhão atravessava o rio e ia tentar a vida no Sul do Pará. O Sul do Pará era uma espécie de refúgio seguro para os que eram perseguidos ou vieram de outra região. Para atravessar o rio, só canoa e motorzinho. Não tinha balsa para passar carro. Não tinha estrada no Sul do Pará. Tudo o que você fazia lá era a cavalo ou a burro, jumento. Quando eles começaram a combater a guerrilha, criaram uma estrutura estatal na região (com o GETAT [Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins], uma espécie do INCRA [Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária] para o Sul do Pará) e cortaram o território em várias estradas. As OPs palmilharam ao cortar a região em pequenas estradas para facilitar a mobilidade e o controle. Depois, essas estradas facilitavam o contato dos grandes projetos econômicos. Essas estradas transformaram o Sul do Pará no quesito aumento de densidade populacional. As OPs foram fundamentais. Foram criadas para combater a guerrilha, mas produziram um modelo de ocupação no Sul do Pará que, na minha opinião, é um desastre social, ecológico e econômico.

VCA: A repressão das Forças Armadas contou, principalmente no fim, com a figura do Major Curió, que perseguiu os comunistas em 1974. Como ligar o Curió à sua consolidação enquanto figura no Sul do Pará?

JOSÉ GENOINO: O Sul do Pará tinha, historicamente, uma representação política oligárquica com famílias fortes (madeireiras, pecuaristas, donas de terras, mineradoras), como os Mutran em Marabá. Havia um vazio de instituições estatais, mesmo quando os militares ocuparam a região para combater a guerrilha. Aquele vazio possibilitou o surgimento de figuras como essa aí [Sebastião Rodrigues de Moura, o Major Curió]. Eles [os militares] fizeram um processo, na fase final da guerrilha, de infiltração para conhecer onde e como os militantes circulavam e se refugiavam para combatê-los. A tática por ele [Major Curió] utilizada foi viver como camponês. Essas figuras prometeram muito para a população (terra, recursos, escolas). Prometeram tudo e não fizeram! Prometeram para neutralizar a simpatia da população pela guerrilha. Esse cidadão, esse militar, se transformou numa liderança política: foi prefeito, foi autoridade central

“Havia um vazio de instituições estatais, mesmo quando os militares ocuparam a região para combater a guerrilha. Aquele vazio possibilitou o surgimento de figuras como essa aí [Sebastião Rodrigues de Moura, o Major Curió]. Eles [os militares] fizeram um processo, na fase final da guerrilha, de infiltração para conhecer onde e como os militantes circulavam e se refugiavam para combatê-los”

no garimpo de Serra Pelada, criou uma cidade com o nome dele, Curionópolis, e fundiu uma repressão violenta sem limites, terrorista, com o chefe político local. Ele juntou essas duas peças: a violência política dos militares na Amazônia e o mandonismo econômico, os privilégios econômicos.

VCA: Qual a relação que ele tem com os grandes proprietários e quais mecanismos utilizou para formar um poder paralelo que seria dos bate-paus e milícias privadas?

JOSÉ GENOINO: Primeiramente, veja bem, o fenômeno dos bate-paus já existia antes. Aliás, quando a gente vivia lá, na fase de preparação, convivia com vários. A gente conhecia-os. Eles falavam: "matei tal pessoa hoje". As pessoas conviviam com a morte: ou por malária, ou por mordida de cobra, ou por tiro. Normal; a morte era normal no Sul do Pará quando a gente vivia lá, antes do Exército. Você já tinha uma vertente paramilitar na região, que está muito bem explicada no livro do Klester Cavalcanti, "O nome da morte: A história real de Júlio Santana, o homem que já matou 492 pessoas". Nesse sentido, companheiro, essa estrutura militar foi exacerbada, alimentada e fortalecida pelos milicos. Primeiro: foi uma força fundamental para auxiliá-los; segundo: fez o trabalho sujo. O livro também mostra isso, também mostra quem me prendeu, quem atirou na Maria Lúcia Petit. Foi o Júlio Santana. É tradicional ter milícia no garimpo. Todo grande garimpo no Norte do país tinha milícia.

VCA: Só que entra Serra Pelada para aumentar a tensão – e aí entra Curió.

JOSÉ GENOINO: Claro, exatamente. O Curió se apossou, se aproveitou e alimentou essa força paramilitar. Ele organizou uma força paramilitar que auxiliava na repressão do Exército. Teve, como teatro, Serra Pelada. O que ele garantia para os colonizadores da região? Ele expulsava os camponeses, titularizava ou facilitava a titularização das terras e mediava, com a força, as brigas e as disputas. Com isso, tornou-se também uma liderança importante para os grandes projetos econômicos. Ele criava as condições políticas para os projetos econômicos: desde a titulação até a repressão dos movimentos sociais. Depois da guerrilha, quando começou uma atividade mais visível das pastorais da Igreja, ele coordenou a repressão, como no caso da expulsão dos padres franceses e no episódio da perseguição ao dom Alano. Toda a repressão organizada no Sul do Pará, no Norte do Goiás, que hoje é Tocantins, e no Sul do Maranhão era articulada por ele. Ele virou um grande chefe militar e político oligarca da região, tendo como base Serra Pelada.

VCA: Para citar Romualdo Pessoa Campos Filho (2014, p. 350), é “necessário fazer essa relação entre: ocupação de terras – Serra Pelada – fim do garimpo de Serra Pelada – ampliação da disputa pela terra – crescimento da pistolagem – aumento do número de assassinatos na luta pela terra”. Isso vai resultar em muitos conflitos e em muitos massacres, como [o de] Eldorado dos Carajás no governo FHC (1995–2002). Como Serra Pelada vai entrar para manifestar essa antítese que tem um lado que mata e outro que morre?

JOSÉ GENOINO: A região estava marcada por essa contradição violenta entre os que morrem e os que matam. A banalização da morte e da vida era uma constante na região. Os habitantes não se assustavam. Isso acabou facilitando o caminho da repressão muito violenta. Era uma repressão, inclusive, informal. A repressão era corriqueira, era normal. Matar por encomenda, por dinheiro, era normal. Eles [os pistoleiros] circulavam normalmente. Era uma espécie de Faroeste Caboclo da Amazônia. Ele [Major Curió] se aproveitou disso junto com grandes projetos de bancos, de montadoras, de mineradoras. Eram projetos de interesse do imperialismo. A United States Steel começou com Carajás. O avião que me transportou preso do Sul do Pará era da United States Steel. Você vai ver que eu faço essa denúncia na Carta Defesa que eu apresento na auditoria militar no livro “José Genoino: Escolhas Políticas”. Os interesses imperialistas estavam presentes na região. Os grandes projetos eram Carajás e terras. O modelo a ser seguido era aquele do Amapá...

“Eles [os pistoleiros] circulavam normalmente. Era uma espécie de Faroeste Caboclo da Amazônia. Ele [Major Curió] se aproveitou disso junto com grandes projetos de bancos, de montadoras, de mineradoras. Eram projetos de interesse do imperialismo. A United States Steel começou com Carajás. O avião que me transportou preso do Sul do Pará era da United States Steel”

VCA: Serra do Navio?

JOSÉ GENOINO: Serra do Navio.

VCA: Que esgotaram todos os recursos minerais que lá existiam.

JOSÉ GENOINO: Exatamente. Era um modelo de projeto. Eles [os militares] queriam grandes projetos tendo como base a experiência do projeto norte-americano no Amapá. O problema todo é que a guerrilha, de uma certa maneira, explicitou, sangrou o tumor e rasgou aquilo que estava em processo de fermentação e de caminhada. A região já era uma região violenta, com pistoleiros e bate-paus e em que as lendas sobre a morte se faziam presentes. “A espera do nunca mais: uma saga amazônica” é um livro romanceado sobre a realidade da Amazônia, escrito pelo Nicodemos Sena. Nicodemos Sena é um escritor que mora em São Paulo (SP), mas nasceu em Santarém (PA), e fala muito sobre as lendas da Amazônia. Ele tenta

dissecar os mistérios da Amazônia, da selva, dos rios, da caça, da madeira, dos minérios. É um livro que certamente você não vai ter tempo de ler; é um livro grande... é um romance.

VCA: Genoino, depois de tudo que ocorre, os assassinatos vão ser focados em advogados e representantes da CPT (Comissão Pastoral da Terra)...

JOSÉ GENOINO: Padres...

VCA: Padres da Teologia da Libertação que propõem as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), ex-guerrilheiros...

JOSÉ GENOINO: Sindicalistas...

VCA: Sindicalistas e políticos defensores da reforma agrária independentemente do partido. A UDR (União Democrática Ruralista) vai consolidar uma área de influência muito forte e vai atuar sem punição nenhuma. A impunidade vai reinar. Como o legado da luta de guerrilhas pode ser lido a partir disso? Como as influências da guerrilha ultrapassam a década de 1970, chegam a 1990 e impactam até hoje?

JOSÉ GENOINO: Isso é uma questão muito delicada. Primeiramente, a repressão à guerrilha foi violenta e eles adotaram a tática da invisibilidade. Você tem quase 50 companheiros, a maioria dos guerrilheiros, cujos corpos ainda não foram identificados. [Em] segundo [lugar], a guerrilha passa a ser conhecida depois que ela foi extinta. Ela não era conhecida durante o período em que existia. [Em] terceiro [lugar], ela nunca foi reconhecida legalmente pelo Estado. Só, recentemente, quando criaram o Grupo de Trabalho no Sul do Pará para cumprir uma decisão judicial sobre a identificação dos corpos. Em quarto lugar, eu acho que, veja bem... Qual é a relação da guerrilha com esse fator que você coloca? Há uma relação que eu chamo potencial ou potencializada. A guerrilha escolheu uma região que, potencialmente, tinha grandes interesses estratégicos, econômicos, políticos e militares. Era uma região de grandes repercussões. Se a guerrilha tivesse outra orientação política e tivesse se preservado para esperar o surgimento dos conflitos, talvez tivesse tido um papel mais efetivo. Entretanto, ela foi descoberta e a experiência ia começar. Não estou dizendo, porém, que, mesmo se ela fosse descoberta, não começaria, no máximo, no ano de 1972. Como estava situada em uma região estratégica do ponto de vista econômico, político, geopolítico e militar e era a porta de entrada da Amazônia, ou você entrava por Rondônia ou você entrava pela fronteira, o Sul do Pará. O Sul do Pará era a grande entrada por causa do Araguaia, do Xingu, do Tocantins e, mais lá na frente, do Tapajós. O desenho geopolítico da região era muito interessante. Nesse sentido, eu diria que a guerrilha foi visionária de perceber uma potência. Todavia, ela foi "só" visionária e não o sujeito desse processo. Ela foi visionária na repercussão, no acirramento, na explicitação e não na construção. Por outro lado, a guerrilha despertou muitos interesses políticos e militares para a região,

porque eles [os militares] criaram toda uma estrutura estatal - não só as OPs como você fala, mas também os Batalhões de Infantaria de Selva e o acompanhamento como um todo. Passou a ser uma região de treinamento e de experiência na luta insurrecional do Exército Brasileiro. Apesar da guerrilha ter sido derrotada no fim de 1974, acabou se inserindo, independentemente da vontade das pessoas, num contexto histórico e político visionário. Depois, nós imaginávamos que haveria uma radicalização dos conflitos, mas, na época em que estávamos lá, não tinha movimento social, não tinha trabalho da igreja, não tinha sindicato, não tinha força progressista, não tinha nada. Era um vazio político enorme, mas, que, no futuro, transformou-se em um grande palco de grandes mobilizações, de grandes lutas, de grandes batalhas e até de extermínios como foi Eldorado dos Carajás. Todas as lideranças sindicalistas da região foram eliminadas. Tem um outro livro interessante do Klester [Cavalcanti] que se chama "Viúvas da Terra - Morte e Impunidade nos Rincões do Brasil". São as viúvas que perderam seus maridos por causa da reforma agrária. Foi, com base nesse livro, que o autor soube das informações que dão no "O nome da morte: A história real de Júlio Santana, o homem que já matou 492 pessoas". É uma visão mais ampla da região, porque você pega todo o Norte de Goiás, o Sul do Maranhão, o Sul do Pará e, na ponta, o Norte do Mato Grosso. Esse quadrilátero - vamos dizer assim - está dentro desse bolsão...

VCA: Uma panela de pressão...

JOSÉ GENOINO: Dessa panela de pressão...

VCA: Genoino, como nós estávamos comentando, ocorreu a repressão mais forte em 1974 e, em 1975, teve a "Operação Limpeza", o deslocamento dos corpos para locais secretos. Eu queria, assim, falar da Comissão Nacional da Verdade, porque, por exemplo, Curió morreu esse ano de velhice e não chegou a ser punido. Para você, quais são os reflexos dessa falta de empenho na busca pelos crimes dos militares no Araguaia, especialmente na "Operação Limpeza" de 1975? Vale mencionar que o Grupo de Trabalho Araguaia (antigo Grupo de Trabalho Tocantins), do qual o Romualdo Pessoa Campos Filho fez e faz parte, foi praticamente desmontado no atual governo [governo Jair Messias Bolsonaro (2019-2022)].

"O Araguaia é um exemplo, assim como outras rebeliões do Brasil, que além de ser eliminada a ferro, sangue e fogo, tem a memória eliminada. Eles [os militares e as classes hegemônicas] não querem resgatar a memória e a verdade. A verdade incomoda. A memória incomoda. O passado não passa"

JOSÉ GENOINO: O Araguaia é um exemplo, assim como outras rebeliões do Brasil, que além de ser eliminada a ferro, sangue e fogo, tem a memória eliminada. Eles [os militares e as classes hegemônicas] não querem resgatar a memória e a verdade. A verdade incomoda. A memória incomoda. O passado não passa. Para mim, esse é o

reflexo mais geral - não só sobre o Araguaia, mas sobre Canudos. Se não fosse Euclides da Cunha [com "Os sertões"], Canudos ficaria desconhecido. Contestado, Trombas e Formoso (no Norte de Goiás, perto de Brasília), rebeliões do período colonial e rebeliões do período do Império fazem parte dessa lógica. Nesse cenário, não só o Curió, mas muitos militares que participaram - e o livro "Mata! O Major Curió e as guerrilhas no Araguaia" do Leonêncio Nossa mostra isso muito bem - tornaram-se pessoas importantes. O Curió ficou conhecido porque foi fazer política na região, mas havia outros nomes. Foi o modelo de transição no Brasil. Que modelo é esse? Sai da ditadura para um regime liberal sem punir nem reparar o núcleo central [dos torturadores]. Não basta punir, é necessária a reparação. Primeiro: admitir que houve terrorismo de Estado; segundo: reparação; terceiro: punição. Isso nunca foi feito. É uma pendência histórica do Brasil que se faz presente nos dias de hoje.

VCA: Entrando nas influências da guerrilha para o sindicalismo rural de hoje, trago uma leitura mais esperançosa. Para além do conflito, encontramos o renascimento do sindicalismo onde antes lutaram os guerrilheiros. Para você, até que ponto a repressão à guerrilha não significou os fins dos ideais?

JOSÉ GENOINO: Os ideais dos guerrilheiros estavam presentes na causa geral, que era a luta revolucionária contra a ditadura. A União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo era um programa específico para a região. Havia uma concepção mística da luta revolucionária. A guerrilha mostra uma coisa muito forte para nós: sem o povo estar organizado, participativo e mobilizado, você não faz grandes transformações. A guerrilha, apesar do heroísmo, da coragem e do desprendimento, mostrou isso. Sem o povo organizado, não adianta. Um paralelo a ser traçado é com uma eleição: um presidente é eleito; se o povo não estiver organizado, não dá nada. Ou o povo é protagonista e sócio de determinado projeto ou vamos sempre nos limitar. Do ponto de vista da vida na região, conhecemos, de maneira muito forte, os problemas locais. Houve um desprendimento absoluto: em alguns momentos, nós até reclamávamos que alguns companheiros se adaptavam exageradamente. Viravam camponeses mesmo. Havia uma causa que movia aquela geração que vinha do processo revolucionário. Não há uma relação direta e imediata com os movimentos sociais, camponeses e sindicalistas, mas há repercussão política acerca da luta, da resistência, da organização e do enfrentamento contra os interesses econômicos predominantes e mais perversos possíveis. Nesse ponto, sim, os ideais acabaram se fermentando ao longo do processo histórico.

VCA: Eu cheguei a comentar com você que vou para o Maranhão e quem vai me ajudar lá vai ser a filha do Manoel da Conceição, a Mariana. Essa é a tese de doutorado dela, defendida no IG [Instituto de Geociências], na Unicamp, que trata do PAMATO enquanto uma região. É uma regionalização emergente. Qual sua opinião sobre esse agrupamento de tratar o Norte do Tocantins, o Oeste do Maranhão e o Sudeste do Pará como uma região para abordar os conflitos fundiários numa área cuja extensão de 21% do território nacional corresponde a quase 50% dos assassinatos por choques no campo?

JOSÉ GENOINO: A análise pelo enfoque regional é importante por localizar os interesses estratégicos, detectar as singularidades - visto que o Brasil é um país continental com regiões diferenciadas - e não fazer uma cópia mecânica da luta. Cada região tem suas particularidades. No caso do PAMATO, é uma região que foi se conformando ao longo do tempo. O Norte de Goiás, antes do Tocantins, sempre foi muito pesquisado, interessante e cobiçado por qualquer organização de resistência camponesa, a partir, inclusive, da experiência de Trombas e Formoso. Era uma região no centro do país que faz a mediação e é a fronteira entre o Brasil do litoral e o Brasil do interior. É o exemplo da [transição para a] Amazônia. É uma regionalização importante. Isso envolve um problema mais profundo, que são as particularidades políticas, econômicas e sociais que necessitam de um tratamento regionalizado do país. A escala é fundamental - dos grandes territórios aos pequenos territórios. A reivindicação das grandes e das pequenas áreas são diferentes e precisam ser levadas em conta. O Brasil é um país continental com suas particularidades. O não-exame dessas particularidades dificulta. Se você vai ter um projeto democrático e popular para o país, precisa considerar as particularidades. A Amazônia é uma particularidade; o Cerrado é uma particularidade; o Pantanal é uma particularidade... e a Amazônia tem, também, muitas particularidades dentro dela. Nessa região, há selva, cerrado, pântanos e tudo mais.

VCA: Por fim, se você pudesse estabelecer uma leitura que ligue a guerrilha ao hoje, 50 anos depois, quais são as heranças da União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo?

JOSÉ GENOINO: A União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo mostra o tamanho e a profundidade do abandono daquela região. É um programa de reformas através de uma luta radical, que era a luta armada. Mas, se você for ver as reivindicações ali...

VCA: São 27 metas bem específicas...

JOSÉ GENOINO: Bem específicas e de reformas. Para fazermos aquelas reformas, precisávamos fazer a luta armada. É uma forma radical de tomada de poder. Aqueles problemas colocados nos 27 pontos até hoje não foram solucionados. Depois de 50 anos, os problemas permanecem. O sentido visionário da guerrilha fica acentuado nesse programa. É claro que era um programa tático, mas, se você pegar o programa de Trombas e Formoso ou a experiência dos camponeses no Sul do Maranhão cuja liderança principal era o Manoel da Conceição, verá como essas reivindicações

simples e mínimas refletem um atraso da dominação econômico-político-social do Brasil. São coisas mínimas negadas à população. O abandono e a violência - toda essa história que vem à tona agora com esse governo [governo Jair Messias Bolsonaro (2019-2022)] - rebatem um porão, que quer ser reconhecido e ter identidade. Esse porão colocou a cabeça para fora no mau e no bom sentido: no mau, no sentido do protofascismo; no bom, no sentido da resistência, resposta dos indígenas, dos quilombolas, dos camponeses, da agricultura familiar, da agricultura orgânica, dos defensores da reforma agrária, da economia solidária, etc.

VCA: A palavra é sua. Quais são as considerações finais que você tem para a gente?

JOSÉ GENOINO: Para mim, o item mais importante a ser resgatado da guerrilha é a luta. A resistência e a luta são fundamentais e não podem ser esquecidas. A guerrilha tem essa lição muito forte. Essa Geração 68 foi muito importante por dar a vida por um ideal. O maior ato do ser humano é dar a vida por aquilo que ele acredita. A Guerrilha do Araguaia, como outras experiências, dá legitimidade para a esquerda ser protagonista de um caminho transformador, socialista e popular para o país. A esquerda não está aí só porque, agora, está disputando a eleição e quer o governo. Ela tem uma história que dá legitimidade a ser protagonista de um futuro. Por último, toda experiência política tem que ser avaliada de maneira crítica e autocrítica. Fazer isso não é negar o heroísmo, a valentia e as lições, mas é um modo de homenagear, conseqüentemente, aqueles que deram a vida. Você não faz uma homenagem como se fossem nichos que coloca na parede. Você faz um resgate da memória, trazendo-a para o presente e para o futuro. A memória, metaforicamente, é um carro: tem o retrovisor e o para-brisa. Você está sempre se equilibrando. Avaliar a experiência, discutir as lições, debater os erros, questionar por que a vitória não veio e indagar todo o combate fazem parte de não deixar essa memória no baú. Essa memória não pode ficar no baú; temos que trazê-la, à luz do dia, nas condições de luta de classes hoje no país.

“A Guerrilha do Araguaia, como outras experiências, dá legitimidade para a esquerda ser protagonista de um caminho transformador, socialista e popular para o país. A esquerda não está aí só porque, agora, está disputando a eleição e quer o governo. Ela tem uma história que dá legitimidade a ser protagonista de um futuro”

VCA: Genoino, muito obrigado pela entrevista. Vai ser um passo enorme para a pesquisa. Agradeço pelo depoimento. Obrigado.

JOSÉ GENOINO: Valeu, companheiro.

★ ★ ★

Referência bibliográfica citada na entrevista

- CAMPOS FILHO, ROMUALDO PESSOA. Araguaia:** depois da guerrilha, outra guerra- a luta pela terra no Sul do Pará, impregnada pela ideologia da Segurança Nacional (1975-2000). São Paulo: Fundação Maurício Grabois, co-edição com a Editora Anita Garibaldi, 2014.
- CAVALCANTI, Klester. **O nome da morte:** a história real de Júlio Santana, o homem que já matou 492 pessoas. São Paulo: Planeta, 2018.
- CAVALCANTI, Klester. **Viúvas da terra:** morte e impunidade nos rincões do Brasil. São Paulo: Planeta, 2004.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- GENOINO, José. Carta de autodefesa apresentada no julgamento da guerrilha. (In): COELHO, Maria Francisca Pinheiro. **José Genoino:** Escolhas Políticas. São Paulo: Centauro, 2007. p. 451-474.
- GENOINO, José. "Se a esquerda não tiver uma plataforma socialista, ela vai ser confundida com a direita". [Entrevista concedida a] Hugo Albuquerque e James Hermínio Porto. **Jacobin Brasil (online)**, 01 fev. 2021. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2021/02/se-a-esquerda-nao-tiver-uma-plataforma-democratica-popular-e-socialista-ela-vai-ser-confundida-com-a-direita/>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- NÓBREGA, Mariana Leal Conceição. **Geografias das resistências:** batalhas camponesas do século XXI nas Regiões do Bico do Papagaio e Cerrados Sul Maranhenses. 2020. 1 recurso online (223 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640482>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- NOSSA, Leonêncio. **Mata!** O Major Curió e as Guerrilhas no Araguaia. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Guerra Popular - Caminho da Luta Armada no Brasil.** Lisboa: Edições Maria da Fonte, 1974.
- SENA, Nicodemos. **A espera do nunca mais:** uma saga amazônica. Belém: Cejup, 2002.
- TSÉ-TUNG, Mao. **O livro vermelho: citações do comandante Mao Tsé-Tung.** São Paulo: Martin Claret, 2002.
- TSÉ-TUNG, Mao. **Sobre a prática e a contradição.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- ULDP. Proclamação da União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo. (In): AMAZONAS, João; ANTERO, Luiz Carlos Antero; SILVA, Eumano (org.). **Uma epopeia pela liberdade:** Guerrilha do Araguaia - 30 anos (1972-2002). São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2002. p. 56-65.
- VALVERDE, Orlando. **Grande Carajás:** planejamento da destruição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

Sobre o entrevistado

JOSÉ GENOINO nasceu no dia três de maio de 1946 no município de Quixeramobim, no estado do Ceará. Iniciou sua militância política em 1967 através do Movimento Estudantil, quando cursava as faculdades de Filosofia e Direito na Universidade Federal do Ceará. No ano seguinte, como liderança da UNE, participou do XXX Congresso da entidade, realizado em Ibiúna/SP. Nesta ocasião foi preso por agentes do Deops/SP junto a centenas de estudantes. Logo após este episódio, e em decorrência do decreto do Ato Institucional nº 5, Genoíno se viu obrigado a abandonar os estudos e mudar-se para São Paulo. Vivendo clandestinamente, seguiu com sua militância em oposição à ditadura, agora envolvido com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e a luta armada. Em 1970 passou a integrar a Guerrilha do Araguaia, servindo a este propósito até 1972, quando foi capturado pela repressão em decorrência das grandes ofensivas militares na região. Julgado e condenado em São Paulo pela Auditoria da Justiça Militar, cumpriu pena de cinco anos, passando por diversos cárceres do país. Após a soltura, retomou sua militância e seguiu engajado em movimentos sociais e com o processo de redemocratização. Filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) desde o início da década de 1980, Genoíno fez carreira política ocupando diversos cargos públicos até o ano de 2013, quando renunciou ao seu mandato parlamentar após ser condenado pelo processo do Mensalão. Em 2014, sua pena foi extinta pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Informações do site Memorial da Resistência de São Paulo (<http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/jose-genoino-neto/>).

Sobre o entrevistador

VINICIUS CARLUCCIO DE ANDRADE é graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP (Processo 2022/05174-6) com o projeto de pesquisa "A Guerrilha do Araguaia: resistência camponesa, defesa da autonomia e continuidade dos conflitos fundiários no Pará, Maranhão e Tocantins".